O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 34.º — Sábado, 6 de Dezembro de 1941 — N.º 1710

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração: Rúa Miguel Bombarda, 21 — Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL, R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário: *Arnaldo Ribeiro*

Editor e Administrador: Manuel Alves Ribeiro — Correspondência dirigida ao Director — Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Primeiro de Dezembro

A data histórica do 1.º de Dezembro de 1640 é sempre grata à memória dos portugueses.

E' a gloriosa data da reconquista da sua independência nacional.

Depois dos sessenta anos de triste cativeiro, Portugal, povo como poucos cioso dos seus direitos e das suas liberdades, retomou a rota árdua e firme dos seus destinos.

Até à queda amargante da independência, a nação portuguesa erguera bem alto a favor da Civilização, da Cristandade e da Humanidade, o facho esclarecedor do seu apostolado político, religioso, moral e cultural.

Reconquistada a independência em trabalhosas batalhas de armas e de diplomacia, de novo Portugal pôs ao serviço do Mundo a sua vocação apostólica, colonizadora e idealista.

E em alternativas de glórias e de vicissitudes, de grandeza e de abatimento, a marcha e a evolução da história nos conduziu até hoje, a esta hora em que a nação tem perfeita consciência dos seus legítimos direitos, da sua obra, do seu valor e do prestígio e do respeito que a cercam.

Nêste momento bem guerreiro para a Europa, mas bem pacífico para nós, o acto comemorativo da nossa independência não se volve contra ninguém.

Hora de amizade para com todos os povos, da evolução da data da nossa independência só se extrai uma fervorosa e formosa lição patriótica e nacionalista.

A lição da nossa unidade nacional e imperial, do nosso indefectível patriotismo e do ardente desejo de nos conservarmos eternamente portugueses.

E' esta a profunda e comovente mensagem que o passado transmitiu ao presente e que o presente transmite ao futuro.

J. Carreira

O papel vai subir mais!

Anuncia-se, para breve, um novo esticão de 20 a 25 % no preço do papel.

Mas para que estão os nossos colegas ainda a preguntar—*quem acode à Imprensa Regional?*

Para quê?

Assembleia Nacional

Funciona de novo, desde o dia 26 do mês findo.

Ao reabrir, o sr. Doutor José Alberto dos Reis fez um apêlo aos portugueses—apêlo cheio de patriotismo e de oportunidade—depois de ter salientado, num importante discurso, o significado da viagem presidencial aos Açores e o êxito da Embaixada portuguesa ao Brasil:—«Um dever se impõe na hora presente: a estreita união à volta de Salazar».

ARCEBISPO-BISPO DE AVEIRO

Recolheu a um dos quartos particulares do Hospital de S. José, em Lisboa, a-fim-de ser operado, o sr. D. João de Lima Vidal.

E' seu médico assistente o sr. dr. Vasconcelos Dias.

Natal do Expedicionário

Uma comissão composta pelas senhoras D. Ana Plácido de Almeida Azevedo, D. Maria Tereza Peixinho, D. Virgínia Quina Domingues Ferreira, D. Maria Joana de Melo Patena e D. Guiomar Ferreira Neves estão a organizar um chá dançante que deve ter lugar no dia 14, às 15 horas, e cuja receita líquida se destina ao Natal dos militares expedicionários de Infantaria 10.

Seminário de Aveiro

Chega ao nosso conhecimento que o sr. dr. José Maria da Silva, ilustre professor do Liceu Alexandre Herculano, do Pôrto, mas natural da Gafanha, acaba de contribuir para a construção do seminário da diocese com a importantíssima quantia de dois mil contos.

Mais de espaço nos referiremos a êste facto com o relêvo que merece.

O TEMPO

Continua famoso, após ter chovido torrencialmente na madrugada de domingo.

Só a temperatura se recente, olhando ao mês em que estamos.

Produzir mais trigo

A política do Govêrno—mais uma vez o lembramos—não é uma política demagógica. O Govêrno não promete nunca senão o que pode realizar. E dentro do que pode realizar—campo que umas finanças sólidas extraordinàriamente alargaram—o Govêrno não realiza nunca senão o que é justo. A tal respeito e a muitos outros constitui notável documento a última nota oficiosa do Ministério da Economia.

Aí se traçou, com a sobriedade que as circunstâncias determinaram, o quadro da nossa situação económica em face de um mundo que a guerra a pouco e pouco vai invadindo e a pouco e pouco vai assolando.

A-pesar dos continuados esforços do Govêrno em fomentar as culturas cerealíferas, Portugal ainda se não basta habitualmente em trigo e com freqüência em milho; por isso, normalmente, importa. Ora nós, hoje, temos com que comprar. Fecharam-se-nos, porém, alguns dos nossos mercados abastecedores, já alcançados pela guerra. Os que restam podem fechar-se-nos àmanhã—e mesmo que tais mercados se nos não fechem, dois problemas desde já se nos apresentam: onde transportar e como transportar. Onde transportar—isto é: a necessidade, para nós, de uma marinha mercante mais importante do que a que temos—a qual só morosamente se pode vir a constituir. Como transportar—isto é: o reconhecimento, por parte dos beligerantes, do direito que nos assiste, como povo neutro, à liberdade dos mares. Não possuíndo nós essa marinha mercante compatível com o volume das nossas importações de produtos alimentares e a ninguem se reconhecendo nesta guerra o direito de livremente navegar em paz pelos mares em guerra, o que, para os povos neutros, implica dificuldades, complicações, demoras e transtornos, quando não prejuízos irreparáveis—temos que produzir o que não podemos ir comprar lá fora.

Temos, sobretudo, que produzir mais trigo. Mas produzir mais trigo não é repetir o que em tempos, e contra as indicações governamentais, se fêz: não é semear desregradamente. Na verdade, há que produzir mais trigo, mas sem prejuízo dos afolhamentos estabelecidos e das rotações nacionais.

Visitai o Parque da Cidade

Contra os maus hábitos

Continua em Lisboa e no Pôrto a ser reprimido pelas autoridades o péssimo e anti-higiénico hábito de cuspir no chão, estando agora a tratar a Câmara da capital de vêr se acaba com outro costume não menos perigoso, a *apanha das beatas*, das *priscas*, espalhadas na via pública.

Achamos bem. A ponta do cigarro, além de ser pôrco, pode transmitir muitas doenças, tornando ainda mais infelizes os que, não tendo dinheiro para tabaco, as aproveitam para fumarem. Por isso a repressão, como medida profilática, é do maior alcance.

Colheita da azeitona

E' agora a sua época, constatando-se grande abundância em todos os olivais.

No concelho de Anadia já começaram os lagares a trabalhar, sendo de presumir que, dentro em pouco, se iniciem as *tibornadas*, que servem de pretexto para se juntarem alguns amigos à volta do bacalhau, das batatas e dos grêlos bem untados.

Vamos a isso...

O «Porto»

Morreu a semana passada em França o palhaço português conhecido pelo nome da nossa segunda cidade, donde era oriundo.

Queixava-se amargamente de nunca ter sido apreciado cá.

Coisas que acontecem...

A sardinha

Pelo sr. Ministro da Economia acaba de ser determinado que em cada um dos centros de pesca de Matosinhos, Pôrto, Figueira da Foz, Peniche, Lisboa, Setubal, Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António, hajam duas lotas para a venda da sardinha: uma destinada ao consumo público—lota de consumo—e outra ao fabrico de conservas, etc.—lota industrial.

Se calhar, agora nem a oito tostões a *chincamos*.

E o que há-de ser, também, dos gatos...

O "Oppidum,, de Vouga-Marnel

pelo Dr. Alberto Souto

V

Como disse no meu artigo II, a descoberta de «Cacia» luso-romana foi publicada em 1930 e consta de um opúsculo que, por ter tido diminuta expansão e o seu conteúdo vir a propósito das excavações do sr. Sousa Batista no Cabeço do Vouga, aqui, em grande parte, tinho transcrito. [1]

Devo, porém, declarar que algumas das minhas palavras de então, carecem de ajustamento com o que hoje penso. Isto quanto a detalhes, porque, no fundo e na essência continuam verídicas e julgo que exactas.

Em 1930, e no dito opúsculo, eu preguntei se «Cacia» seria *Talábriga*. E disse:

«A mim mesmo, desde a primeira hora do achado, eu faço essa pregunta e, contudo, nada posso responder.

Cumpre-me confessar, até, que o não creio, tanto me convenceram os argumentos do ilustre académico sr. dr. Alves Pereira, no seu já citado e notável estudo de 1907, que se seguiu à notícia da ara de Estorães, erigida em honra de um deus ibérico pela devota filha de um talabricense e aparecida numa igreja do Minho. [2]

Ainda bem que, a-pesar de todas as sugestões e aliciantes seduções da identificação da «Torre de Cacia» com a velha Talábriga, eu declarei e confessei que não acreditava em tal identidade.

Hoje não faria, sequer, a pregunta, ou, melhor, nada diria ou escreveria que deixasse a menor dúvida no espírito dos ouvintes ou dos leitores, porque não admito a possibilidade de «Cacia» ter sido a desaparecida cidade lusitana, de tão misterioso *ubi*.

E' que a estrada militar romana de Olisipo para Bracara, não podia, de forma alguma, passar em Cacia, e Talábriga, indubitàvelmente, ficava sôbre a via militar de que nos dá a medição e distâncias o Itinerário de Antónino Pio.

Por isso a minha afirmação de 1930 de que *«para se localisar a memorável cidade pre-romana em Cacia, tem de se resolver o problema do Itinerário e demonstrar que a via romana de Aeminio para Cale passava na margem esquerda do Vouga*, está ainda hoje certa, mas o que eu hoje não escreveria é que *«para se colocar Talábriga em Albergaria-a-Nova*, ou na Branca *necessário se torna resolver o enigma de Cacia».*

Já em 1933 eu afastára todas as dúvidas e pensava que o enigma de «Cacia», quanto ao seu toponimo perdido, nada tinha com o enigma do perdido local de Talábriga.

Por isso na conferência que fiz naquele ano, perante a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na Universidade do Pôrto, sôbre a falta de arquitetura romanica (que não romana) no litoral vouguense, disse o que vai ler-se, esboçando o panorama histórico que, em minha opinião, viu morrer os castros ou «oppida» da Ribeira-Vouga romana e romanisada:

«Desde a campanha de Decimo Junio Bruto—o romano vencedor de Talábriga e dominador da Lusitania e do noroeste peninsular—pode dizer-se que o ocidente da Iberia gozou uns séculos de tranquilidade. Opressão do romano, escravidão do nativo, exações, extorsões, deshumanidades, sim, mas houve paz, reinou a paz, como mais tarde em Varsovia...

No século V, essa paz, à sombra da qual o romano se refastelou e as populações ibéricas se romanisaram, foi perturbada.

Atingiu-nos a calêma nórdica. Após a calêma, veio a inundação, a maré cheia das invasões.

Entraram pelos Pirineus os Alanos, os Vandalos, os Suevos.

Outros vieram por mar, e das invasões dos bárbaros navegantes, Idacio, lembrado por Alberto Sampaio, nomeia três: uma dos vandalos na Galiza e duas dos Erulos em 456-459;

mas nenhuma de consequências, diz o historiador vimaranense. [3]

Nenhuma de consequências, mas já perturbadoras e incomodativas, de mau agoiro, péssimo prenuncio!

O ocidente, como quási tôda a Península, não lográra mais, durante uns poucos de séculos, um socêgo prolongado e fecundo.

O Vouga e as suas margens e a terra beira-marinha de entre Mondego e Douro, ficavam na zona calamitosa, numa zona como aquelas em que a mudança de monção arrasta sempre grandes tempestades!

. . . .

Devia haver, então, ao sul do Pôrto, além de Lancobriga, em plena Ribeira-Vouga, três cidades luso-romanas de que chegaram notícias ou vestígios até aos nossos dias, e digo três, por não identificar Taldbriga nem com «Cacia» nem com «Vouga-Marnel».

De Talábriga, memorada por Apiano e mencionada pelo Itinerário de Antonino, bem notável na epopeia lusa pela resistência oferecida a Decimo Junio Bruto, ficou-nos notícia histórica, mas perdeu-se o seu ubi.

De «Cacia», a 5 quilómetros ao norte de Aveiro, por mim localisada, e de «Cabeço de Marnel», no cruzamento da estrada alta Pôrto-Lisboa com o Vouga, não se sabem nem os nomes nem os fastos, mas delas recolhi eu algum mobiliário cerâmico e identifiquei os seus locais com as notícias de vários escritores, entre êles alguns do Renascimento.

E' bem possível que as três cidades do território vouguense tenham sido ainda testemunhas ou teatro das pugnas entre godos e suenos.»

. . . .

Continuo a pensar, repito, de igual forma, crendo que à data da invasão romana e da invasão dos bárbaros, alguns séculos depois daquela, havia no litoral do Vouga, entre as serras e o mar, as três cidades por mim mencionadas no Pôrto:

Talábrica, «Cacia» e «Vouga-Marnel».

Verifica-se assim que em minha modesta opinião, e salvo prova em contrário, a Talábriga pre-romana, que, sem dúvida coincide com a mesma Talábrica do Itinerário, não se confunde nem pode confundir com Cacia, nem com Vouga-Marnel, porque à confusão se opõe, de maneira terminante, o argumento miliário e quilométrico, digamos assim, do sr. dr. Felix Alves Pereira.

Êsse argumento foi lucida e brilhantemente pôsto quando em 1907 o ilustre arqueologo estudou à luz de um critério positivo, e quási que matemático, a *Situação Conjectural de Talábriga*, no vol. XII do «Archeologo Português» conhecida edição do Museu Etnologico Português, então dirigido pelo falecido mestre e eminente homem de ciência Dr. José Leite de Vasconcelos.

Ora até hoje, êsse sólido argumento, da contagem das milhas reduzidas a quilómetros, entre as estações que o Itinerário menciona na região entre Eminio e Cale, não sofreu o menor desmentido, pois não se podem considerar argumentos contra êle, isto é desmentidos formais e positivos, ou provas, quaisquer opiniões ou conjecturas que sejam meras opiniões e que não passem de simples conjecturas.

(1) Não quero deixar passar esta oportunidade sem testemunhar o valioso auxílio que me prestou na recolha do espolio de Cacia o sr. António de Castro, aveirense que é um entusiasta e grande amador de antiguidades.

(2) Sôbre a ara de Estorãos, publicou no antigo jornal aveirense *O Debate* dois artigos muito elucidativos, o sr. dr. Ferreira Neves, actual director do Arquivo do Distrito de Aveiro.

(3) Passou há dias o centenário do nascimento do historiador que, com Martins Sarmento, conseguiu fazer recuar a história do território de Portugal muitos séculos para além dos primordios de Alexandre Herculano.

Produção vinícola

O facto de se computar em metade da do ano anterior, dá origem a que se esteja a vender cada litro por 2$00.

E com tendência para subir.

Mas freguezes não faltam nas tabernas!

Teatro de amadores

Dizem-nos que vem no próximo dia 13 dar um espectáculo a esta cidade um grupo cénico do Troviscal, que representará a revista-fantasia em 2 actos e 22 quadros com o título de *Coração da Bairrada*.

Trata-se, ao que parece, duma organização idêntica à do *Club dos Galitos*, que já se exibiu pela 17.ª vez com geral agrado, sendo todos os quadros ornados de 30 números de música original da autoria dos srs. José de Oliveira e Leonildo Rosa, a quem a imprensa fez as melhores referências.

Muito estimaremos que a casa se encha de modo a ser devidamente apreciado o trabalho da mocidade bairradina.

Casas em ruínas

Há tantas por essas ruas de Aveiro! E algumas fachadas acham-se tão mal seguras, que um dia temos desastre pela certa. E se a Câmara mandasse fazer uma vistoria a todas e providenciasse de modo a evitar dissabores?

Sempre ouvimos dizer que mais vale prevenir do que remediar...

Data histórica

Decorreram com o brilho que era de esperar as festas comemorativas do 1.º de Dezembro, sendo o programa cumprido à risca, para honra da Mocidade.

Bailes

Decorreu animado e com extraordinária concorrência o da velha *Sociedade Recreio Artístico*, sobressaindo, pelo seu donaire, as gentis Democracia Graça, Virgínia Calixto, Graciete Campos, Maria de Lourdes Brilhante, Joana Ferreira, Maria da Graça, Glória da Graça, Yara Tavares, Cremelinda Campos, Celeste Vilar, Maria Isabel de Almeida, Madalena Peixinho, Manuela Leal, Maria Adelaide Ferreira, Maria Emília Ferreira, Lisete Palavra Martinho, Elsa Martinho, Suzana Pires, Marília de Almeida, Maria Adelaide Dias, Lídia Dias, Zoraida da Silva, Isaura Tavares da Silva e muitas outras cujos nomes nos foi impossível apontar.

O sexo forte também compareceu em larga escala, vendo-se, entre a assistência, muitas caras estranhas à terra.

Tocou o *Vista-Alegre Jazz*, que agradou.

* * *

Para a passagem do ano já está formada uma comissão que no *Club dos Galitos* se propõe levar a efeito idêntica diversão, com o concurso da afamada *Orquestra Columbia*, de Espinho.

Agradecemos o convite.

CASO GRAVE

Veio até nós a informação de que uma pobre criança do Bonsucesso fôra bàrbaramente espancada pela professora, que teve de ser sujeita a exame médico e, em seguida, radiografada.

Com vista às autoridades escolares por já não serem permitidos abusos de semelhante natureza.

Selecção de valores

No relatório do decreto que precedeu a reforma do ensino superior, lê-se:

Pede-se aos que podem, menos do que seria legítimo exigir-lhes; isentam-se os que valem e não podem; subsidiam-se os melhores, que o Estado não quere ver perdidos por falta de meios.

E', para todos os efeitos, um critério justo.

Quem sería?

O Taboense, que, como nós, publicou um ou dois artigos subscritos por *major S. Rêgo*, saíu-se agora com esta:

Quem é o major S. Rêgo?

Desconhecemos! Sabemos que do brioso e honrado exército português, e domiciliado em Lisboa, não faz parte qualquer oficial com aquele nome, pelo que constatamos que mais uma vez caímos na armadilha de um qualquer aventureiro a soldo de alguém que não vacila em usar de todos os meios para atingir os fins que se propõe, embora pagando, para ver reduzida a letra redonda os seus escritos *bafientos*.

E mais adiante:

Mas será o mesmo indivíduo que diversas vezes tem tentado forçar as colunas de *O Taboense*, o que conseguiu uma ou duas vezes, sendo pôsto na rua logo que reconhecido?

Deve ser, colega, deve ser. Os lobos que, pelo visto, arranjaram pseudónimos para não os reconhecerem, andam no povoado, e, como diz, usam de todos os meios para atingirem os seus fins. Não o conseguirão, porém. Pelo menos enquanto existir na imprensa da província o orgulho de se manter fiel aos princípios que a orientam e quere conservar mesmo à custa dos maiores sacrifícios.

Companhia Voluntária S. Pública "Guilherme G. Fernandes,,

Efectuou-se a festa do seu aniversário de harmonia com o respectivo programa.

Assim, logo de manhã, ao içar da bandeira, compareceram a Direcção e o Corpo Activo, que se perfilou, em continência. Após esta cerimónia, a banda percorreu, tocando, as principais ruas da cidade e mais tarde teve lugar uma romagem aos dois cemitérios, onde dormem o sono eterno alguns comandantes e directores da Companhia. No cortejo, que se organizou para aquele fim, incorporou-se o *Pronto-socorro Dr. António Leitão*, que conduzia as flôres destinadas a cobrir as campas dos falecidos, na altura em que, pela banda, era executada a marcha fúnebre de Chopin e se observavam dois minutos de silêncio.

Durante o dia o quartel esteve exposto ao público e no largo que lhe fica fronteiro, houve concêrto musical à noite, atraíndo bastante gente.

Além túmulo

Dr. Melo Freitas

Faz hoje dezoito anos que uma síncope cardíaca o fulminou repentinamente, sendo ainda lembrado pelos seus amigos e admiradores, que muito o estimavam.

O dr. Joaquim de Melo Freitas foi um aveirense ilustre, em cavaqueador elegante e um apaixonado bairrista e por isso lhe dedicamos mais estas linhas de homenagem.

Mário Duarte

Também vai completar, na próxima terça-feira, o 2.º aniversário da morte dessa inconfundível e simpática figura do desporto, que tanto honrou as suas diversas modalidades, com o seu prestígio, com o seu esfôrço e com a sua tenacidade.

A-pesar de não ser de Aveiro, foi um incansável propagandista das suas belezas e um amigo devotado dêste rincão, a que tanto queria, motivo por que, igualmente, o recordamos.

CARTAS

Dezembro, 1941

Minha querida:

Ao comemorar a data do 1.º de Dezembro, a da gloriosa Restauração de Portugal, o nosso país não presta sòmente homenagem aos conspiradores e àqueles heróis conhecidos, cujos nomes ilustram as páginas da nossa História: presta-a, também, à multidão de ignotos, cujas proezas se perderam na poeira do tempo.

Quando subiu ao trono Filipe I de Espanha e nos primeiros tempos de dominação estrangeira, é vergonhoso para nós dizer-se que êste rei se viu rodeado de muitos portugueses, na sua maioria fidalgos. Mas graças à má diplomacia de Miguel de Vasconcelos, que sabia tão mal cativar, como tão mal sabia também amar a sua pátria, e graças ás proporções colossais da propaganda sebastianina e ao profetismo, a orla de descontentes crescia de dia para dia. Uma grande parte dos fidalgos portugueses que rodeavam o rei estrangeiro, foram, depois, os que tramaram a conjura e pugnaram para que ela fôsse o golpe mortal para o domínio espanhol.

Por outro lado, os padres no púlpito e no confessionário, ao intensificarem o culto sebastianista prestaram relevantes serviços e muito contribuíram para captivar e animar a opinião pública.

Recordações gloriosos do passado, profecias do sapateiro Bandarra e de outros, lendas, relações diplomáticas e políticas com a França, país a que não convinha uma Espanha forte, orgulho ofendido e desgôsto de ver a Pátria caminhando cada vez mais para a ruína, todas estas foram razões bem fortes para que o movimento do 1.º de Dezembro fôsse eficaz à restauração da nossa independência.

E assim, esta é uma das datas que o volver de séculos deixa sempre cintilantes, que se impõe pelo que recorda e será sempre um exemplo.

Um abraço da

Zèmi

"A Gazeta,,

Está-se comemorando em Lisboa o tricentenário do primeiro jornal português, cujo aparecimento foi em Novembro de 1641.

Nas exposições realizadas, a propósito, acham-se coisas curiosas, interessantes, mesmo, a avaliar pela sua descrição.

Que pena ficarem tão longe!...

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Se calhar...

Disse Platão que *o vinho é o leite dos velhos.*

Por isso alguns estão sempre ao biberon...

António Madail

Teve feliz viagem para o Congo Belga, onde se encontra de perfeita saúde, êste nosso presadíssimo amigo, a quem a família espera nos princípios do novo ano.

Enviamos-lhe um apertado abraço.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 2, a menina Maria Odete da Silva Martins, dilecta filha do sr. Armando Ferreira Martins; hoje, fazem os srs. António Ferreira da Fonseca e António Ferreira Pais e a menina Rosa da Apresentação Santos, filha do sr. Luís Lopes dos Santos; no dia 8, as sr.as D. Conceição Maria dos Anjos, da Casa dos Ovos Moles, e D. Celeste Pereira Lopes, esposa do sr. Floreano A. Lopes, do Salão Azul; a gentil Maria Angela e o inocente José Gil, filhos, respectivamente, dos srs. Virgílio de Oliveira, das caves do Barrocão, e Américo Carvalho da Silva, e o sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; em 10, a interessante Maria do Carmo Vieira, filha do sr. José Vieira, e em 11, a menina Maria de Melo Mendonça.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Abílio de Menezes e esposa, do Pôrto; Nuno Meireles, da casa Agostinho Ricon Peres, da mesma cidade; padre Diamantino Vieira da Costa, de Mira; Marcelino Gonzalez Peña, residente em Santa Iria de Azoia; José Morais Sarmento, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar; Fausto Martins Lima, informador fiscal em Penedono e dr. José Arnaldo Q. D. Ferreira, médico em Albergaria-a-Velha.

—Está em Oliveira de Azemeis, a passar algum tempo, a esposa e filho do sr. Arnaldo Estrela Santos, activo comerciante.

Doentes

Em Ílhavo encontra-se bastante doente o sr. Manuel Razoilo Sacramento, desenhador das O. Públicas dêste distrito.

—Em Agueda tem melhorado o sr. tenente Lopes dos Santos, que ali vive com a familia.

Desejamos-lhes completo restabelecimento.

Secção Desportiva

A abrir

Repetimos: o *Beira-Mar* jàmais deu um passo para não ir a Ovar. Rima — e é a verdade inteirinha.

Quanto à gente da progressiva vila de Oliveira de Azemeis nunca esteve em causa nêste malfadado assunto. Os aveirenses esperavam que os desportistas de Azemeis fôssem, apenas, espectadores imparciais dum encontro entre visitantes. E a sua espectativa não foi iludida. O resto é para lançar poeira aos olhos dos incautos — e nisto, infelizmente, gasta muito tempo e espaço certa imprensa. Ora a imprensa não deve destruir, mas construir, deseducar, mas bem aconselhar.

A de O. de Azemeis fez justiça. No meio de tanta confusão, de tantas ruins paixões, saíu dignificada, não falseou a sua nobre missão.

Foot-Ball

Beira-Mar 5—Sanjoanense 0

O jôgo *Beira-Mar-Sanjoanense* terminou com 5-0 a favor dos aveirenses, que possuem, actualmente, um *team* excelente.

Em *reservas* as turmas empataram por 1-1. Os visitantes dominaram nêste encontro, mas o seu ataque é inofensivo.

Em *primeiras*, o resultado pode considerar-se certo. Nos 45 minutos iniciais, os beiramarenses, embora dominando bem, só conseguiram uma bola. Na segunda metade, dominaram mais e souberam traduzir melhor.

A arbitragem dêste encontro foi detestável, não poudo côbro, a tempo, ao jôgo duro, iniciado pelo *Sanjoanense* e ao qual os locais deviam fugir. Assim, com Costa e outros jogadores impossibilitados de alinhar, magoados, nos primeiros encontros, os aveirenses perderam possibilidades.

Para finalizar: há quem esteja a procurar criar aos beiramarenses um ambiente que não corresponde, de modo nenhum, à verdade dos factos. Pretende-se, certamente, asfixiar o *foot-ball* aveirense. Pequenino ideal na verdade para grandes homens. . .

E se os deixassem *soses*, em paz uns com os outros até Deus querer, e às moscas? Responda quem de direito.

A.

Carta de Lisboa

Afirmação de portuguesismo

Assim pode, com justiça, chamar-se à atitude dos nossos compatriotas do Brasil, pedindo a António Ferro que fôsse portador duma mensagem da nossa colónia em Terras de Santa Cruz, saüdando Carmona e Salazar.

Em tôda a parte, onde haja um grupo de portugueses, se verifica esta magnífica unidade nacional, êste orgulho legitimíssimo pelo prestígio de que Portugal goza em todo o Mundo.

E porque assim é, a atitude dos portugueses do Brasil, que são dos melhores e mais esforçados patriotas, esta em tudo certo, é a mais dum título compreensível.

Reforma aduaneira

Foi recebida com os maiores e mais gerais aplausos a reforma aduaneira, recentemente publicada pelo sr. Ministro das Finanças.

Diploma de mais alta importância, dêle disse, e muito bem, o *Diário de Notícias*, em editorial de há poucos dias:

«No quadro geral das reformas que desde 1926 vêm atingindo sucessivamente os diversos sectores da administração pública, esta, agora decretada, dos serviços aduaneiros, figura entre as mais importantes e mais necessárias.

Deve-se a sua promulgação, atingindo matéria tão delicada, ao alto impulso e à constante acção nacional que caracterizam a obra política e financeira de Salazar. Mas seria injusto esquecer a inteligência, a competência, o saber e o espírito de organização, que, em to os os seus actos de hom m público, revela o actual titular da pasta das Finanças, dr. Costa Leite (Lumbrales), que com êste diploma tão altamente honrou as suas eminentes qualidades de administração e de govêrno».

Efectivamente, é assim mesmo. Ao mesmo tempo que se resolveram muitos e não insignificantes problemas, deu-se ocasião a que o sr. Ministro das Finanças mais uma vez afirmasse as suas admiráveis qualidades de estadista, a sua muita capacidade para ter junto de Salazar uma situação de maior importância.

O 1.º de Dezembro

Revestiu a maior solenidade e teve o mais expressivo significado a comemoração do 1.º de Dezembro.

Foi bem a celebração duma data que não recordando já nem ódios nem malquerenças, não sendo contra ninguém, recorda, no entanto, aos portugueses o que são as virtudes indómitas desta raça que, ainda mesmo quando parece a despenhar-se no abismo, sabe reagir e vencer.

O 1.º de Dezembro pode ter seu par no 28 de Maio. Se aquele foi feito contra inimigos exteriores, êste foi realizado contra inimigos interiores que estavam conduzindo a Pátria pelos trilhos da perdição.

Ambos, porém, abrem a Portugal novos e mais belos horizontes.

CORDEIRO GOMES

NECROLOGIA

Aos estragos duma grave enfermidade, finou-se, no último sábado, Joana da Apresentação da Luz Gonçalves, que contava 27 anos, apenas, e cujo cadáver foi sepultado no cemitério novo.

Era casada com João Ferreira da Costa e filha de Elias Gonçalves do Padre, do bairro piscatório.

* * *

No próximo lugar de S. Bernardo também deixou de existir, com 77 anos, o abastado lavrador, sr. Manuel Fernandes Vieira Júnior, que foi a enterrar no mesmo cemitério aonde o acompanharam as irmandades de que fazia parte e grande número de pessoas.

Conduzia a chave da urna o sr. dr. Inocêncio Rangel, genro do extinto, a quem enviamos condolências, extensivas a tôda a família.

* * *

Em Lisboa acabou os seus dias, na terça-feira, o sr. Augusto de Lima Vidal, irmão do sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, arcebispo-bispo da diocese.

Tinha 68 anos, deixa viuva a sr.ª D. Constança Camila de Lima Vidal e três filhos maiores. O seu cadáver veio num rico auto fúnebre para esta cidade onde se realizou, no dia seguinte, o funeral, para o cemitério central. Nêle se incorporaram pessoas de representação, clero e entidades oficiais.

Aos doridos e, em especial, ao sr. D. João de Lima Vidal, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, D. Rosa Rodrigues de Figueiredo, viuva, de 76 anos, sogra do comerciante sr. Manuel Dias Vieira; Maria Emília Marques, viuva, de 75, e Samuel dos Santos Baptista, casado, de 77; na *Quinta do Picado*, Rosa Baptista Neves, solteira, de 37; António Ferreira Novo, viuvo, de 81 e Claudio Simões Maio, casado, de 56; em *Aradas*, Maria Gonçalves Sarrico, viuva, de 95; no *Bonsucesso*, Maria de Jesus Perra, viuva, de 71; na *Quinta do Gato*, Manuel Lopes Neto, viuvo, de 62, e no *Solposto*, Maximino Tavares, de 19, filho do sr. Joaquim Tavares, reformado da P. S. P.

Câmara Municipal de Aveiro

Anúncio

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que a Câmara da minha presidência resolveu, em sua reünião ordinária de hoje, pôr em arrematação e venda em hasta pública, no próximo dia 18 de Dezembro, pelas 14 horas e perante a mesma Câmara, o lote de terreno n.º 62 da Avenida Central, cuja base de licitação é de 100$00 por metro quadrado de superfície.

Aveiro e Secretaria Municipal, 4 de Dezembro de 1941.

O Presidente da Câmara
a) *Lourenço Simões Peixinho*

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da comarca de Aveiro, 1.ª Vara, correm éditos de 20 dias a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Rodrigues Barbosa, divorciado, proprietário, de Cacia, para no praso de 10 dias posterior ao dos éditos, virem deduzir os seus direitos à execução por custas e sêlos que contra aquele executado move o Ministério Público.

Aveiro, 22 de Novembro de 1941.

Verifiquei
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrello Botelheiro
O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Correspondências

Esgueira, 4

Já começaram os trabalhos da estrada que liga esta localidade com Agueda.

E' um melhoramento de grande alcance, mas entendemos que a estrada ficaria com outra resistência se fosse em seguida alcatroada ou coberta com paralelipipedos.

—Com sua esposa e filho esteve aqui, com curta demora, o nosso amigo José Maria da Cunha, industrial de panificação na capital.

—Não têm passado bem de saúde os srs. Manuel Mateus Farto e José Francisco Ramalho.

Desejamos-lhes as melhoras.

C.

Costa do Valado, 4

Na igreja da Oliveirinha consorciou-se no domingo a manipuladora-auxiliar dos C. T. C. em Arcos de Vale de Vez, sr.ª D. Isaura de Oliveira Carvalho, filha do nosso amigo Domingos Marques de Carvalho, professor aposentado, com o seu colega de Caminha, sr. José Maria Bonça, testemunhando o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Beatriz Casimiro Graça Rosmaninho e marido o sr. Luís Rosmaninho, e pelo noivo a sr.ª D. Aida Bonça Torres e o sr. Adolfo João Pereira Torres.

Depois dum lauto banquete oferecido pelos pais da noiva aos convidados, os nubentes retiraram num combóio da noite para Coimbra onde passaram a *lua de mel*.

As nossas felicitações.

—Deu à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo Manuel Nunes Genio.

Parabens.

C.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Echarpe Achou-se no domingo, entregando-se a quem provar pertencer-lhe.

Comarca de Aveiro

Éditos de 8 dias

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, 1.ª Secção, Cristo, correm éditos de 8 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio a citar os credores do falido Manuel Ferreira Duarte, casado, comerciante, do Bonsucesso, e bem assim êste falido, para dentro de cinco dias a contar depois de findo o praso dos éditos dizerem ácêrca das contas apresentadas pelo administrador da massa falida conforme o disposto no artigo 1235 do Código de Processo Civil.

Aveiro, 22 de Novembro de 1941.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro
O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo